

## René Girard e seus insights: da mitologia à escatologia

René Girard and his insights: from mythology to eschatology

*Só o desejo mimético pode ser livre, ser de fato desejo,  
pois tem que escolher um modelo (René Girard) (p.49).  
Girard mostrou, a meu ver, de forma convincente que,  
se existe uma verdade divina  
[...] consiste no desvendar-se os mecanismos violentos  
do que nasce o sacro a religiosidade natural (Vattimo) (p.83).  
A violência é alma secreta do sagrado  
(Michael Kirwan) (p. 134).  
Não são mais os homens que fabricam deuses,  
é Deus que veio tomar o lugar da vítima  
(René Girard, p. 287).*

Ênio José da Costa Brito\*

Recebido: 02/12/2019

Aprovado: 05/12/2019

### Resumo:

Tendo consciência que a teoria mimética foi sistematizada por René Girard, Edevilson de Godoy, em *A Revelação na Antropologia de René Girard: da mitologia à escatológica*, acolhe o desafio de apresentar aos futuros leitores os insights que desvelam a dinâmica presente no pensamento girardiano. Esta *Nota Bibliográfica* realiza uma primeira aproximação desta tese, escrita na fronteira entre Ciência da Religião e Teologia, com a intenção de indicar um pouco da riqueza da mesma. Num primeiro momento, aponta questões marcantes presentes nos capítulos e em seguida tece breves comentários.

**Palavras-chave:** Teoria Mimética, René Girard, Sagrado violento, Mecanismo vitimário, Escatologia

### Abstract:

Aware that the mimetic theory was systematized by René Girard, Edevilson de Godoy in *René Girard's Revelation in Anthropology: From Mythology to Eschatology*, welcomes the challenge of presenting to future readers the insights that unveil the dynamics in Girardi thought. This *Bibliographic Note* makes a first approximation of this thesis, written on the border between Science of Religion and Theology, with the intention of indicating its richness. At first, it points out some significant questions in the chapters and then makes brief comments.

**Keywords:** Mimetic Theory, René Girard, Sacred Violent, Victimized Mechanism, Eschatology

---

\* Ênio José da Costa Brito é doutor em teologia pela Universidade Gregoriana (Roma) e professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião e orientador didático-pedagógico no ITESP.

A tese de Edevilson de Godoy intitulada *A revelação na antropologia de René Girard: da mitologia à escatologia* confirma a atual retomada do pensamento girardiano, no âmbito acadêmico. Tese, que nos ajuda a compreender um pouco mais o momento que estamos vivendo no país<sup>1</sup>. Sua proposta de dialogar com Girard, de reconhecer insights, discuti-los, ilustrar contribuições e perceber limites, foi muito bem-sucedida.

Acompanhando os *insights* do autor ao longo de aproximadamente cinquenta anos, a tese debuta na literatura moderna, regressa à mitologia grega-romana e à teoria geral das ciências humanas, ascende à tradição judaico-cristã e conclui-se na escatologia, enquanto realização plena do homem (GODOY, 2019, p.19).

A tese deixa transparecer uma conaturalidade de Godoy com o pensamento girardiano, que possibilitou apresentar o complexo pensamento Girardiano com forte acento didático. Além disso, o perfil didático nasce da preocupação de ser entendido pelos futuros leitores (as). Daí as circunvoluções entorno de determinados temas, as repetições, os exemplos.

Nesta *Nota Bibliográfica* percorrei a estrutura da tese, apontando minha recepção da mesma, trazendo algumas observações e levantando algumas passagens para reflexão.

Para abrir a reflexão dou a palavra a Godoy:

A tese desenvolve a revelação de Deus com base na teoria mimética do antropólogo René Girard, deslocando-se da mitologia arcaica ao apocalipse cristão, com relevância à Bíblia hebraica e, principalmente, ao evento histórico Jesus de Nazaré, da encarnação à ressurreição (GODOY, 2019, p.9).

## **Introdução**

Na *Introdução*, Godoy assumiu desafios de peso, complexos e importantes, numero: explicar o desejo mimético enquanto realidade inerente à natureza humana, base do processo evolutivo, da construção da cultura e das instituições; mostrar como a evolução do pensamento de Girard, sobre Deus, vai de uma visão mitológica à paixão de Cristo e à escatologia; esclarecer que a existência humana acontece na dialética entre mimesis má e boa; esclarecer que a revelação do sagrado, acontece naturalmente no processo de hominização e evidenciar a revolução antropológica realizada pela

---

<sup>1</sup> Tese defendida em 25 de outubro de 2019 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião na PUCSP, teve a participação dos professores Silas Guerriero (Orientador), Wagner Lopes Sanchez, Brígida Carla Malandrino, Antônio Carlos Frizzo e Ênio José da Costa Brito.

tradição judaico- cristã, particularmente a paixão e a ressurreição de Cristo (p. 25)<sup>2</sup>. Penso que na tese Godoy deu conta do prometido na *Introdução*.

A *Introdução* me agradou não só por ter acolhido desafios complexos, mas por ter explicitado claramente a questão da tese: *A revelação de Deus na Teoria mimética ressaltando o deslocamento do sagrado violento para a tradição judaico cristã, ou seja, do mito ao Evangelho, alcançando uma visão apocalíptica da história como remate da teoria* (p. 24).

Me agradou, ainda, ter apresentado um rico *Estado da Arte* e ter apontado para a recepção da obra girardiana na América Latina e a contribuição desta a ela. O encontro de Piracicaba foi reiteradamente lembrado<sup>3</sup>.

Godoy relembra que:

O fato de a teoria mimética questionar sistemas essenciais da cultura ocidental transformou-a em alvo direto de interesses variados deslocando-se da admiração às represálias acadêmicas. Essa teoria navega na contramão da modernidade; concomitantemente, perscruta-a e explica-a numa perspectiva dialógica, argumentativa e esperançosa, mergulhando fundo nesse *oceano* para explicar e descortinar seus avanços e contradições (p. 18).

### **Um olhar sobre os capítulos**

No capítulo primeiro, intitulado *Desejo Mimético: a estrutura antropológica fundamental* o autor planta alguns pressupostos para uma compreensão mais cuidadosa do pensamento girardiano: relembra que o pensamento de Girard é histórico e metahistórico e que a análise girardiana da literatura é histórica-antropológica com base no fato que para Girard a intuição de que história cultural e antropologia social são uma só realidade. No fundo, a hermenêutica girardiana visa desacralizar não somente obras / autores, mas a cultura de uma época, desconstruindo suas idolatrias (cf. GIRARD, 2011).

Esta hermenêutica visa perceber os rudimentos de uma teoria da história, com amplo pedigree apocalíptico. O desejo tem um significado absolutamente metafísico. Tendo presente este dado vamos compreender melhor a constituição da metafísica do desejo, isto é, o desejo é ponto central da ontologia e da sociologia.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Passaremos a indicar a página da tese; em breve estará à disposição na Biblioteca Virtual da PUCSP.

<sup>3</sup> O livro relata o encontro dos teólogos da libertação com René Girard ver, ASSMAN, Hugo (org.) *René Girard com teólogos da Libertação: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis: Vozes: Piracicaba: Unimep, 1991.

<sup>4</sup> Pressuposto que justifica o ponto oitavo do capítulo primeiro: *Uma teoria na contração mão do iluminismo* p. 77-83.

Me agrada muito o perfil antecipatório do capítulo, quando sinaliza, *en passant* temas que serão tratados nos outros capítulos. Exemplificando: a tradição judaico cristã é um longo processo de revelação do mecanismo mimético escondido (p. 34); na minuciosa análise da obra de Dostoievski encontram-se já sementes da futura abordagem apocalíptica (p. 72) e a crise moderna é discutida em tons apocalípticos (p. 77). Muito significativa a síntese apresentada no ponto nono do capítulo- *Etapas constitutivas do Mecanismo criador da religião* (p. 83-86).

O ponto de partida desta breve síntese é a afirmação:

O paradigma do mecanismo vitimário estrutura-se no triângulo mimético, como visto anteriormente (sujeito, modelo, objeto). Trata-se de uma nova teoria científica sobre o homem e a religião. Vejamos, sinteticamente, as etapas deste paradigma e a inteligibilidade da lógica mimética (p.84).

A seguir o autor retoma os seguintes tópicos desenvolvidos anteriormente: Desejo: ponto de partida; Crise mimética: consequência; Caos da crise mimética: snowball; Satanás: o acusador; Bode expiatório: o culpado, e Sagrado violento: a divinização.

A palavra conversão tem uma presença marcante neste primeiro capítulo. O que nos convida a pensar no que significa mesmo converter para Girard no bojo de sua teoria (p. 32). Converter é aceitar a natureza mimética triangular do desejo, superando a visão tradicional, individualista, autônoma e linear. A conversão do desejo é chamada de antropológica. A conversão antropológica supera a visão do herói e passa para a concepção dialética do acolhimento do outro para o encontro consigo mesmo (p. 31). O tema da conversão retorna no capítulo quarto (p. 227) num paralelismo com a salvação (p. 285)

Tendo como moldura o seu tema de pesquisa, isto é: *a revelação de Deus na antropologia de René Girard*, Godoy afirma: *no pensamento de Girard, a visão moderna da antropologia é uma mentira, uma ilusão. Da mesma forma, a concepção racionalista que profetizou a morte de Deus é falaciosa* (p. 83). Afirmação forte, que será justificada ao longo da tese. Não podemos esquecer que no campo da teoria Literária, Girard é apresentado como *reconstrutor* em tempos de *desconstrução*.

Girard explicita a potencialidade da crítica literária, considera-a uma autentica chave hermenêutica para compreender os conflitos e a violência humana (p.38); mostra como surgem os conflitos sociais, como são resolvidos e como a violência é controlada (p. 33) e possibilita explicar o funcionamento das estruturas antropológicas através da

guerra (p. 38). Godoy considera *Mentira romântica e verdade romanesca* como um dos principais livros de René Girard, pois possibilitou formular o conceito chave da teoria girardiana, que o desejo mimético é triangular (cf. GIRARD, 2005).

Para o autor:

Neste primeiro capítulo discutimos a primeira intuição fundamental do antropólogo francês: o desejo humano é mimético, ou seja, essencialmente imitativo. A pessoa não deseja partir de uma subjetividade autocentrada, mas, sim, da mediação direta da alteridade. Isso equivale a dizer que a constituição do eu (ser) dá-se na imitação do outro. Essa intuição não é absolutamente original, porque grandes mestres da filosofia clássica, como Platão e Aristóteles, já apontaram essa dimensão. Todavia, será Girard o responsável pela sistematização daquilo que a filosofia e a literatura apontaram implicitamente. Nesse sentido, a teoria mimética é original (p.86)

O capítulo segundo, *A revelação do Sagrado Violento*, deixa claro dois pontos importantes entre outros: que a tese fundamental presente no texto *A violência e o Sagrado* desvela o enredo que sacraliza a violência coletiva. A violência unanime do grupo se transfigura em *epifania da divindade*, por meio de um processo mimético que conduz a uma máxima unanimidade social (cf. GIRARD, 1990).

Processo, que conduz ao linchamento coletivo de uma vítima cujo valor catártico depende da *união sagrada*, que se realiza em torno dela. Portanto, o capítulo explicita bem a relação entre a unanimidade violenta e o sagrado.

No entanto, da leitura permaneceu a impressão que se deixou um pouco na sombra a questão da *ignorância fundamental* acerca da verdade da violência, pois, para que todo o ritual se processe em ordem à paz é necessário que seus executores tenham uma *ignorância fundamental* acerca da verdade da violência. É verdade que Godoy faz menções ao inconsciente, mas um pouco mais de explicitação ajudaria o leitor.

Um segundo ponto, não menos importante que o primeiro, deixa claro: a redução hermenêutica realizada por Girard, isto é, redução de todos os ritos à sua origem comum, origem está cristalizada no processo do Bode expiatório (GIRARD, 2004).

O capítulo mostrou a *potencialidade da teoria Mimética* ao abrir o diálogo com Freud, Hegel e Hobbes e mostrar a evolução que ocorreu nas análises girardianas: como a integração do sacrifício ritual das sociedades arcaicas à teoria do desejo mimético. Tem-se, ainda, uma ampliação da malha teórica: méconnaissance (p. 98s); indiferenciação (p.119); crise sacrificial (p.120) e *mimesis* (p.122).

Ao retornar ao binário Mito e Rito, Godoy relembra que: *O mito cria a religião e ela vive por ele* (p. 108). O rito tem uma função pedagógica, ética e moral. (p. 112).

A mitologia é repleta de elementos simbólicos e transcendentais, pelo poder do mito toda a comunidade professa a mesma fé: a desgraça tem um culpado que precisa ser sacrificado.

O sagrado arcaico é o primeiro passo na história da revelação:

Embora o sagrado arcaico resulte do mimetismo nocivo, é uma primeira forma de revelação. Foi a maneira como, na pré-história, os homens primitivos conseguiram fazer a experiência do sagrado de forma eficaz e real. Portanto, é real porque as comunidades pré-históricas o experimentaram como verdadeira personificação do sagrado. Por ele, sentiram a transcendência, a espiritualidade e a moral. Todavia, o caminho no qual os primitivos chegaram à experiência do sagrado é perverso: pela violência e pelo sacrifício (p.145)

Do ponto de vista da revelação, o sagrado violento apesar de toda sua crueldade denunciada por Girard significa a primeira forma de experiência de transcendência.

O segundo insight de Girard explicitado neste capítulo versa pois sobre a

Resolução da violência e dos conflitos comunitários através do mecanismo do bode expiatório. Em *A violência e o sagrado*, ele integra à teoria do desejo mimético, elaborada a partir da crítica literária do romance moderno, o sacrifício ritual nas sociedades antigas e realiza um retorno cronológico da literatura moderna para a mitologia grega e outras mitologias antigas, como a africana, a pré-colombiana e a oriental, expressando, através de amplo estudo comparativo de textos míticos em culturas distintas, um elemento comum: a divisão social causada pela concorrência entre as pessoas, a formação da coletividade pelo poder do ódio, a escolha de um culpado, a sua punição, a superação das desavenças sociais e a descoberta do sagrado (p. 148)

Depois de ter apontado no capítulo segundo uma teoria geral da cultura girardiana, em que explica o mecanismo expiatório, apresenta neste terceiro, intitulado, *Judaísmo: a revelação do Deus das vítimas, a revolução antropológica*, na qual Girard desvela o velho mecanismo estrutural das relações humanas (p. 151), estabelecendo uma relação entre desejo mimético e violência expiatória, mostrando que: *o Deus da Bíblia, então, desmistifica as razões da violência coletiva, assumindo o lado da vítima e condenando a maioria perseguidora* ( p. 156).

No desenvolvimento do capítulo levanta uma questão desafiadora relacionada com o pensamento girardiano: *como explicar a passagem da antropologia do sagrado como construção social para uma abordagem de fé?*

Godoy aponta três pressupostos que o leitor deve levar em conta, para uma recepção densa do conteúdo deste capítulo: ter presente que Girard não é teólogo confessional, não é exegeta e que na sua leitura da Bíblia não contempla as nuances arqueológicas (p. 181); ter presente que para Girard a Religião é a chave hermenêutica

para a compreensão da cultura (p. 154) e que novidade bíblica se encontra no processo de revelação do mecanismo vitimário. *Por isso, o pai da antropologia mimética insiste que a novidade bíblica está no processo de revelação do mecanismo vitimário; um caminho que atingirá sua plenitude na paixão de Cristo* (p. 189).

Na página 165, encontramos uma breve menção ao código de Hammurabi, pouco conhecido. Vale lembrar que temos uma tradução em português, de autoria Emanuel Bouzon- durante muitos anos foi professor na PUCRIO.<sup>5</sup> Ele traduziu, também, as 150 cartas de Hammurabi (BOUZON, 1987).

Na análise do terceiro insight, o autor toma como base a obra mais complexa, sistemática e extensa de Girard: *As coisas ocultas desde a fundação do mundo*. É muito comum no âmbito do estudo das religiões recorrer a analogias entre as representações religiosas, ora para mostrar semelhanças ora para mostrar diferenças.

Quando li o texto de Girard *As coisas ocultas desde a fundação do mundo* fiquei com a impressão que o modelo hermenêutico girardiano explicava simultaneamente as semelhanças e diferenças (GIRARD, 2008).

Gostei muito da apresentação que Godoy fez do livro de Jó, na qual aponta para um deslocamento do *Deus acusador* para o *Deus da vítima*, tema muito presente na reflexão latino-americana.<sup>6</sup> Me perguntei várias vezes ao longo da leitura, qual seria o fato central mais importante de toda a narrativa, que insere o texto no movimento de recuperação das vítimas. Sem dúvida é autoconsciência de Jó. Ele não cede nunca sobre a questão de sua inocência. A fraqueza não prevalece e, até o fim recusará confessar-se culpado.

No caso de Jó, o mecanismo vitimário não se realizou. O circo foi armado, tudo funcionou segundo tal esquema, mas a vítima não sucumbiu, não desistiu do seu direito, lutou até o fim e venceu. Os linchadores não obtiveram o sucesso esperado; o mecanismo foi às avessas: o bode expiatório provou sua inocência e revelou a mentira dos acusadores, a verdade sobre Deus e sobre si mesmo. Para Girard, a história de Jó consiste numa das páginas mais incríveis da revolução antropológica oferecida pela Bíblia à humanidade (p. 203)

Godoy ao apresentar a análise que Girard realizou do livro de Jó, percebe que ele utilizou uma metodologia para realizar a hermenêutica desta narrativa. Estabeleceu dois polos fundamentais, no primeiro, apoiados na doutrina da retribuição, os amigos de Jó, que sacralizam a violência, responsabilizam Deus pela desventura de Jó e no

---

<sup>5</sup> Tive o privilégio de tê-lo como professor na PUCRio

<sup>6</sup> Para uma leitura questionadora, que convida o leitor a descobrir uma densa reflexão teológica neste pequeno livro, Ivo STORNILO. *O Livro de Jó. O desafio a verdadeira Religião*.

segundo, Jó convencido de sua inocência desfaz a equivalência do sofrimento, culpa e castigo divino (TEIXEIRA, 1995, p. 61).

As histórias bíblicas analisadas por Girard em *As coisas ocultas desde a fundação do mundo* oferecem subsídios para se discernir a inversão que o texto bíblico efetuou nas relações entre a vítima e seus sacrificadores. Temos um exemplo claro deste deslocamento na análise à luz da antropologia mimética da passagem do Servo sofredor.

Girard averigua nos cânticos do servo os sintomas da crise mimética. Sua antropologia bíblica foca na importância da renúncia de cultuar um Deus que precise de sacrifícios para aplacar sua ira e acalmar a sociedade. Segundo a teoria mimética, o mecanismo do bode expiatório é o único jeito de se resolverem as crises sociais, não obstante seja uma solução pelo viés negativo, por fundar-se na mentira mitológica sobre a culpa da vítima expiatória e na ideologia da maioria envenenada pela violência (p. 180).

No terceiro insight, Girard desvela a face íntima de Deus e das relações humanas, até então *escondidas a sete chaves* pela ideologia mitológica. *O bode expiatório, então, não é culpado pelas desgraças sociais, mas um inocente arbitrariamente condenado pela maioria em nome da religião* (p. 217).

Um deslocamento (glissement) do tema da encarnação para a paixão-ressurreição e escatologia da história foi o movimento axial realizado por Godoy no quarto capítulo intitulado *Jesus de Nazaré: Revelação da face íntima de Deus e do Homem*

Tendo como desafio maior manter o viés antropológico nas análises (p. 293), pois *a Teoria mimética insere-se na interface da antropologia com a teologia* (p. 287). Temos um capítulo fronteiro entre Ciência da Religião e Teologia, que deixa transparecer o conhecimento que Godoy tem da obra girardiana ao expor temas complexos, se posicionando e conjugando densidade e clareza. Este último capítulo funciona e bem como um estuário, que recebe os insights e os unifica sob uma ótica escatológica, como imaginação apocalíptica.

Godoy deixa claro que,

para a teoria mimética, os Evangelhos não são mitos, mas ‘textos de revelação’ em que se descreve de maneira objetiva a tragédia do bode expiatório, justo inocente, condenado pela maioria, morto, sepultado e exaltado pelo Pai. O texto evangélico deixa claro a inocência de Jesus e a maldade da multidão. O bode expiatório tornar-se Cordeiro de Deus (p. 259).

As aproximações realizadas com o pensamento de Pagola (2010, p. 251), Moltmann (1992, p. 230), von Balthazar (1995, p. 271) e Anselmo de Cantuária (MOLTMANN, p. 278) iluminam e confirmam as considerações apresentadas.

Muito enriquecedora a reflexão sobre Satanás, na qual deixa claro que o diabo não é personificado (p.233), não se trata de um ser, mas de uma função antropológica (p. 238). Satanás exerce papel fundamental nas relações humanas, quando analisadas na perspectiva mimética. Como seu objetivo principal é seduzir, convencer as pessoas a imitá-lo, ele é um modelo milenar para os desejos humanos, atraindo e catalisando com incrível eficácia a imitação violenta, espécie de fio condutor das forças agressivas decorrentes da competição humana, resultante da dialética do desejo em sua vertente negativa (p. 233).

Godoy mostrou-nos como Girard remete as afirmações de Heidegger sobre o Logos para o contexto da violência do sagrado, que impede o desencadear da violência entre os opostos. Para Girard, o Logos heraclidiano segundo Heidegger permanece fundado sobre a unanimidade da violência. Pode-se perguntar: porque Girard *não aceita a caracterização heideggeriana do Logos joânico enquanto servo habilitado apenas para transmitir ordens*. Girard na sua reflexão, dialetiza o Logos da Filosofia e o Logos joânico, dialética não de opostos, mas dialética de completa dissimilitude (cf. TEIXEIRA, 1995, p. 156-163).

Girard retoma *o eixo fundamental que liga At e o NT, o progressivo desvelamento dos mecanismos arcaicos de reciprocidade violenta. Hegel não soube distinguir certos aspectos mais primitivos do AT e o seu movimento interno em direção ao Evangelho de Jesus Cristo* (TEIXEIRA, 1995, p. 157).

O cristianismo histórico para Girard é o cristianismo gradualmente instalado na cultura, ou ele próprio criador da cultura. Na tese, na esteira de Girard, Godoy fez várias referências ao processo histórico da Igreja como uma degenerescência em relação a um princípio original evangélico. Constatação dolorosa, mas que a história confirma. Quando Girard se propõe a discutir esta temática, ele retorna ao Servo de Javé. *A teologia do Servo de YHVH aparece, pois, no quadro da teoria girardiana, como uma espécie de estado intermediário entre a religião sacrificial e a revelação evangélica, estado a que regressa o cristianismo histórico* (TEIXEIRA, 1995, p.145).

Girard na análise da epístola aos Hebreus 9, 22-26 recupera a dimensão sacrificial para a teologia cristã afirmando a originalidade, superioridade e universalidade do gesto de entrega de Jesus a morte (TEIXEIRA, 1995, p.144-148).

Para Godoy, Girard abre uma porta antropológica para compreender a paixão sem correr no perigo de difamar Deus Pai. A salvação está no amor e jamais na violência. A soteriologia cristã não nos deixa isso claro, quando nos ensina que fomos salvos pela cruz de Cristo, ou que o ‘sangue de Cristo nos lavou dos nossos pecados’. A paixão é decorrência das limitações humanas; Deus não precisa de violência (p. 276).

O caminho percorrido no capítulo teve como ponto de partida a contraposição entre o Logos grego com o joanino; seguido da discussão sobre o reino de Deus ensinado por Jesus e o de Satanás, passando para a paixão do Filho de Deus, que se torna o bode expiatório da sociedade hebraica do século. *Na paixão-ressurreição realiza-se o desocultamento do sistema mitológico e desvendam-se as coisas ocultas desde a fundação do mundo* (Mt 13,35) (p.293).

Finaliza, com uma rápida discussão sobre a última fase da obra de Girard de nominada *apocalíptica*, fechando a teoria mimética (cf. GIRARD, 2011).

### **Pontuações finais**

Entre os méritos da tese enumero alguns. Ter apresentado com clareza os insights girardianos, favorecendo uma visão da evolução do pensamento do autor, a realização deste movimento só foi possível por ter escolhido corretamente como ponto de partida, a proposta girardiana de uma antropologia fundamental.

Deixou claro, graças a uma recepção cuidadosa das primeiras obras girardianas a importância do desejo mimético na vida humana. *O homem é fundamentalmente mimético, ou seja, absolutamente tocado pela alteridade* (p.293). Desejo que fomenta a mimesis de apropriação e a rivalidade mimética. Godoy relembra que *segundo a teoria mimética, somos, existimos, sonhamos, desejamos e construímos cultura através da imitação. Existe o outro que nos coloca no movimento dialético do tornar-se, no devir histórico* (p. 295).

Ter apontado com precisão os desdobramentos da natureza mimética do ser humano, isto é, a experiência comunitária do sagrado violento e o surgimento da religião no bojo do processo evolutivo é mais um tópico a ser realçado.

Considero, como um dos pontos marcantes da tese, ter mostrado uma outra imagem do Deus judaico como Aquele que se solidarizou com as vítimas. Para Godoy, temos nesse fato uma autêntica *revolução antropológica*, base sólida para a recuperação do sagrado não violento. O leitor pode acompanhar os passos dados para

demonstrar que *o Deus da Bíblia não é o sagrado violento, mas o Goel transcendente, misericordioso e libertador dos pequenos* (p.296).

O diálogo final do autor com o pensamento de Girard se dá na fronteira entre Teologia e Ciência da Religião, no qual nos mostra Jesus de Nazaré, como revelação da face íntima de Deus e do homem ao próprio homem. *O ressuscitado é o primogênito de um novo gênero de existência radicalmente livre da finitude mimética* (p. 296).

Cabe um alerta com relação a releitura da tradição bíblica judaico cristã no âmbito do conflito mimético e sua resolução sacrificial, dinâmica que possibilitou um gradativo desvelamento do processo vitimário tão arraigado na história humana. Aqui e ali, as fronteiras são borradas, em determinados momentos sente-se que é o teólogo que fala, noutros o cientista de religião. São os riscos inerentes para quem transita por estas fronteiras tão porosas.

Entre os inúmeros convites velados, que a tese apresenta para os leitores (as) das diversas áreas humanas, encontra-se o de estabelecer um diálogo denso com o pensamento girardiano, muitas vezes rejeitado aprioristicamente.

Tese recomendada a todos que desejam ter uma visão global do pensamento girardiano e descobrir sua atualidade. Pensamento instigante, que continua a desafiar-nos por suas implicações no nosso dia a dia de seres desejantes. Da leitura de *A Revelação na antropologia de René Girard* saímos enriquecidos. Vale a pena conferir.

#### **Referência bibliográfica:**

ANSELMO DE CANTUÁRIA. *Cur Deus homo*. Disponível em: <http://www.cristianismo.org.br/m-curhom.htm>

ASSMAN, H. (Org.). *René Girard com teólogos da Libertação: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis / Piracicaba: Vozes / Unimep, 1991.

BALTHASAR, H. U. von. *Teodramática*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1995.

BRITO, Ê. J. da C. Da violência ao Apocalipse na obra de René Girard. *In REVER*, v. 19, n. 1 (2019), pp. 221-228.

BOUZON, E. *O Código de Hammurabi*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BOUZON, E. *As cartas de Hammurabi*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. São Paulo: Umesp, 1990.

GIRARD, R. *Coisas ocultas desde a criação do mundo: a revelação destruidora do mecanismo vitimário*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GIRARD, R. *Dostoievski: do duplo a unidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

GIRARD, R. *Mentira romântica e verdade romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009.

GIRARD, R. *O bode expiatório e Deus*. São Paulo: Paulus, 2004.

- GIRARD, René. *Rematar Clausewitz*. Além da guerra. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GODOY, E. de. *A Revelação na Antropologia de René Girard*. Da mitologia à escatologia. Tese de Doutorado em Ciência da Religião. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.
- MOLTMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação história*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- RIGHI, M. *A Conversão da Besta: Apocalipse e escatologia no pensamento de René Girard*. Doutorado em Ciência da Religião, São Paulo: Pontifícia Universidade, 2018.
- TEIXEIRA, A. *A Pedra rejeitada*. O eterno retorno da violência e a singularidade da Revelação Evangélica na obra de René Girard. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1995.
- STORNIOLO, I. *O Livro de Jó*. O desafio à verdadeira Religião. São Paulo: Paulus, 2018.